

Limitações dos Protocolos Verbais na Pesquisa sobre Inferência Lexical em L2

Verbal Protocols Shortcomings on L2 Lexical Inferencing Research

Alessandra Baldo

Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as limitações que se apresentaram como as mais significativas para o emprego do método qualitativo denominado protocolos verbais em um estudo sobre inferência lexical na língua estrangeira (Baldo et al, 2010), decorrentes da subjetividade do processo de análise de dados. Iniciaremos com uma breve revisão da literatura sobre os protocolos, a fim de facilitar a compreensão do design da pesquisa em que estes foram empregados. A partir disso, o problema da subjetividade será ilustrado através de amostras de classificações dissonantes, realizadas de modo independente por dois pesquisadores. Na parte final, o caminho seguido para minimizar esse problema será apresentado, com a intenção de contribuir para pesquisas futuras que venham a empregar esse método de pesquisa.

Palavras-chave: Protocolos Verbais. Métodos de Pesquisa Qualitativa. Inferência Lexical na L2.

Abstract: This article presents a reflection about the most significant problem of using verbal protocols in a study on lexical inferencing in a foreign language (Baldo et al, 2010), i.e., their subjective nature. First, a brief literature review about verbal protocols is presented, in order to help to understand the design of the study in which they were used. After that, samples of incongruent classifications by two independent researchers are analyzed. In the last part, the steps taken to deal with the methodological problems are discussed, in an attempt to contribute to future studies in which this research method is used.

Keywords: Verbal Protocols. Qualitative Research Methods. L2 Lexical Inferencing.

Introdução

Protocolos verbais (PVs), também chamados de protocolos de pensar alto, são usados para fazer referência a verbalizações do pensamento de determinados indivíduos durante o processamento de uma tarefa cognitiva. O objetivo principal de seu emprego é instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos (ESPINO, 2007).

Sendo um instrumento de análise introspectivo, os PVs têm uma importância ímpar para estudos que investigam processos cognitivos, entre eles a leitura. Ao proceder a uma revisão da literatura, Afflerbach (2000, p. 166) concluiu que as contribuições oferecidas pela técnica dos protocolos podem ser percebidas tanto em estudos focalizando em um único processo, como análise da ideia principal do texto, geração de inferências, predição dos conteúdos e monitoramento cognitivo, com naqueles focalizando em vários processos de forma conjunta, a fim de desenvolver a totalidade da tarefa de leitura.

A aplicação dos protocolos verbais nesses estudos tem sido acompanhada por uma frequente discussão em torno das suas vantagens e limitações metodológicas, como será visto na seção seguinte. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é, a partir do relato de uma experiência de pesquisa sobre processos de leitura em língua estrangeira (L2), discutir especificamente o fator que se apresentou como o mais problemático na utilização dos protocolos verbais durante a etapa de análise de dados, ou seja, seu caráter subjetivo.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, uma revisão da literatura sobre os aspectos considerados positivos e negativos no uso de PVs é realizada. Na segunda, a metodologia adotada no estudo, juntamente com uma breve explicação da pesquisa em que os protocolos foram empregados; é descrita. Na terceira, dados obtidos através dos protocolos cujas análises individuais dos dois pesquisadores tiveram resultados diferentes são apresentados, seguidos das possíveis razões para tal fato. Já na última parte são estabelecidas considerações a partir da retomada do objetivo inicial e da análise dos dados.

1 Protocolos verbais: vantagens e limitações

Ericson e Simon (1980; 1993), os principais responsáveis pela sistematização dos protocolos verbais a partir do início da década de 80, explicam que, com a diminuição da crença na eficácia da teoria behaviorista, em que o foco da atenção estava direcionado para as relações estímulo-resposta, e a consequente busca para entender os mecanismos e as estruturas internas dos processos cognitivos que produzem essas relações, os métodos introspectivos começaram a ser novamente utilizados. Eles propõem uma subdivisão destes entre protocolos de verbalização concorrente, nos quais os sujeitos realizam a tarefa e produzem as verbalizações ao mesmo tempo, e protocolos de verbalização retrospectiva, nos quais os sujeitos

relatam processos cognitivos que aconteceram em um momento anterior. Entre os dois, definem que o mais direto e mais usado é o primeiro, o qual possibilita que se obtenha um traço direto da informação em foco, “e, daí, um traço indireto dos estágios internos do processo cognitivo” (1993, p. 220).

Ericson e Simon partem dos seguintes pressupostos: um processo cognitivo é uma sequência de estados internos sucessivamente transformados por uma série de processos de informação; a informação é armazenada em várias memórias, com diferentes capacidades e características de acesso. Para eles, há vários armazenamentos sensoriais de curta duração; uma memória de curto prazo (STM) com capacidade e duração limitadas; uma memória de longo prazo (LTM) com grande capacidade e armazenamento relativamente permanente, mas com tempo de acesso e de fixação mais lento. Assim, as informações adquiridas mais recentemente são mantidas na STM, e as informações da LTM devem primeiramente ser resgatas da STM antes de serem relatadas.

Com relação aos protocolos verbais, os autores detalham que as informações se encontram na STM, e fazem uma diferença entre dois tipos de verbalizações: as que são uma articulação ou uma explicação direta da informação armazenada, e as que consideram essa informação um dado de entrada para processos inferenciais, como abstração e inferência.

A possibilidade de se obter um traço indireto dos processos cognitivos humanos é, no nosso entender, a principal vantagem da técnica. No entanto, ela também é uma de suas maiores desvantagens, pois a transformação da evidência indireta do processo cognitivo em dado mensurável somente acontece por inferência do pesquisador, a qual pode ser equivocada. Em nossa pesquisa, por exemplo, determinados dados foram classificados diferentemente pelos pesquisadores, o que pode ser creditado, em grande parte, à presença mais significativa do componente inferencial na avaliação dos dados, em comparação a outros instrumentos de análise.

O problema da subjetividade relacionado aos PVs foi citado já na década de 70, em um dos primeiros trabalhos sobre estratégias utilizadas por leitores mais e menos proficientes em leitura em língua estrangeira (OLSHAVISKI, 1977). Para o autor, o fato de a inferência ser feita pelo pesquisador, e não pelos sujeitos analisados, faz com que ela esteja sujeita a interpretações equivocadas.

Mais recentemente, Zago (1998), ao questionar as dificuldades percebidas por sujeitos durante a aplicação dos protocolos verbais em um estudo sobre a relação entre leitura e conhecimento de vocabulário em L2, descobriu que a principal delas era realizar duas ações ao mesmo tempo, ou seja, compreender o texto e relatar o processo de compreensão. Esse obstáculo do método é endossado por Taylor e Dionne (2000), ao afirmarem que “somente traços observáveis do pensamento são verbalizados, e, conseqüentemente, o processamento paralelo ou automatizado pode não ser relatado de modo confiável” (p. 415).

Por outro lado, suas vantagens também são constantemente enfatizadas (OLSHAVISKI, 1977; ERICSON; SIMON, 1993; TAYLOR; DIONNE, 2000; AFFLERBACH, 2000), em especial as seguintes: os sujeitos relatam comportamento ao invés de processo; não há intervalo de tempo entre leitura e resposta; é possível

identificar os dados como um registro do comportamento contínuo, analisados pelo pesquisador para evidência de estratégias.

Um número significativo de estudos em linguística aplicada na área de ensino-aprendizagem de língua, e em especial na habilidade de leitura (SARIG, 1987; ANDERSON, 1991; BLOCK, 1992; SCARAMUCCI, 1995; PERFETTI, 1996; ZWAN; BROWN, 1996; NASSAJI, 2003; BALDO, 2006), tem se beneficiado dos aspectos positivos do método. De fato, os PVs representam uma alternativa de metodologia de pesquisa em linguística aplicada, pois, como afirma Leow (2000 apud CAMPS 2003, p. 215), eles possibilitam observar os processos cognitivos dos aprendizes através da elicitación de dados, o que pode oferecer evidência suficiente para uma compreensão mais completa do modo de agir dos participantes durante a realização de tarefas específicas.

Afflerbach (2000) pensa de modo semelhante. Especificamente nos estudos sobre leitura, o autor afirma que os PVs têm apresentado uma grande contribuição, especialmente devido à flexibilidade e apropriação da sua metodologia, demonstradas pelas diversas aplicações nessa área. No entanto, o autor sinaliza que sua utilização deve ser feita com atenção extrema aos aspectos que reforçam ou, de outro modo, diminuem a validade dos dados obtidos. Entre esses, chama a atenção para a etapa de decodificação, na qual a preocupação do pesquisador deve estar voltada para a confiabilidade dos dados.

Desse modo, considerando-se tanto a contribuição dos PVs para estudos de metodologia qualitativa como a importância da decodificação criteriosa dos dados por eles disponibilizados, na seção seguinte passamos a descrever as dificuldades experienciadas na fase de análise dos dados de nossa pesquisa, decorrentes de categorizações diferenciadas de um mesmo dado pelos dois pesquisadores. Além disso, também apresentaremos os critérios adotados para conseguirmos chegar a um patamar de confiabilidade satisfatório nas classificações dos processos inferenciais.

2 Metodologia

A metodologia utilizada constitui-se na análise de excertos dos protocolos verbais utilizados em uma pesquisa sobre inferência lexical na língua estrangeira (ver descrição a seguir) em que as classificações dos recursos de processamento inferenciais, subdivididos entre fontes de conhecimento e estratégias, não foram consensuais para os dois pesquisadores envolvidos. Do total de 64 recursos classificados, houve, em uma primeira análise, concordância em 53 dos casos, e discordância em nove deles. Isso representa, em termos percentuais, 14% do total, o que é bastante representativo no que se refere à confiabilidade dos dados. Quatro dessas dissonâncias foram resolvidas através de uma segunda apreciação, realizada em conjunto, mas cinco continuaram sendo objeto de discussão (selecionadas para análise, na seção seguinte). Considerando que, em termos percentuais, esse número ainda era alto para os padrões que buscávamos, a solução encontrada foi uma terceira

apreciação, feita em conjunto novamente, a fim de chegarmos a um consenso final sobre esses casos.

Antes de passarmos à descrição e análise das cinco seções de protocolos verbais, primeiramente apresentaremos, de modo sucinto, a pesquisa na qual eles foram empregados, a fim de possibilitar ao leitor a compreensão das motivações dos pesquisadores para suas classificações.

Síntese da pesquisa:

- tema: inferência lexical em L2
- objetivo: verificar recursos utilizados no processamento da inferência lexical em L2.
- sujeitos: 16 leitores proficientes em língua inglesa como L2.
- instrumentos: teste de leitura em L2, com quatro questões de inferência lexical; protocolos verbais; classificação de fontes de conhecimento e estratégias de inferência lexical com base em Nassaji (2003). As fontes de conhecimento gramatical, morfológico, discursivo, de língua materna (L1) e de mundo constituíram o primeiro tipo de recurso; as estratégias de releitura, repetição, verificação, auto-questionamento, análise, monitoramento e analogia, o segundo, conforme Tabelas 1 e 2 a seguir

Fonte de conhecimento	Definição
Gramatical	Conhecimento das funções gramaticais ou categorias sintáticas, como verbo, adjetivos ou advérbios.
Morfológico	Conhecimento da formação e da estrutura da palavra, incluindo derivações, flexões, raízes, prefixos/sufixos.
Mundo	Conhecimento sobre o conteúdo/tópico que está além do texto.
Discursivo	Conhecimento sobre relações entre/ nas sentenças e mecanismos coesivos entre diferentes partes do texto.
L1	Tentativa de inferência por tradução/busca de palavra na L1.

Tabela1 - Fontes de conhecimento

Estratégia	Definição
Repetição	Repetição de qualquer parte do texto.
Verificação	Verificação da aceitabilidade do significado inferido por checagem no contexto mais amplo e no contexto textual.
Auto-questionamento	Realização de questões a si próprio, sobre texto, palavras, etc.
Análise	Tentativa de descobrir o significado da palavra pela análise de suas partes ou componentes.
Monitoramento	Consciência do problema ou da facilidade/dificuldade da tarefa.
Analogia	Tentativa de descobrir o significado de uma palavra com base na similaridade de som ou forma com outras palavras.

Tabela 2 - Estratégias

- metodologia: análise dos protocolos verbais dos sujeitos, obtidos durante a resposta a quatro questões de vocabulário, com objetivo de classificar as fontes de conhecimento e estratégias empregados. A tentativa de inferir o significado das palavras acontecia após a leitura silenciosa de uma resenha publicada no jornal americano *The Philadelphia Inquirer* sobre o filme brasileiro *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meirelles, intitulada “Rio Project, a most unholy City of God” (Rickey, 2003). Esse texto foi selecionado por três razões: (i) o assunto era de conhecimento geral dos sujeitos; (ii) a interferência do conhecimento prévio sobre o assunto, uma das variáveis que desejávamos controlar, estaria menos acentuada, já que não se tratava de um filme recente do diretor; (iii) o tópico era relevante, dada a popularidade atingida pela obra cinematográfica de Meirelles.

Os vocábulos presentes no teste encontram-se na Tabela 3, juntamente com seu significado em português, o contexto imediato em que aparecem no texto, e a respectiva tradução.

Item Lexical	Contexto	Tradução
1 <i>partitioned</i> (processo de dividir)	<i>Set in a Rio de Janeiro housing Project built in the 60s, partitioned by drug gangs in the 70s, and exploded into a full-blown war zone by the 80s,</i>	Filmado no projeto de moradia carioca construído nos anos 60, dividido por gangues de droga nos anos 70 e transformado em uma verdadeira zona de guerra pelos anos 80, Cidade de Deus é um drama-documentário épico – elétrico e cruel.
2 <i>docudrama</i> (filme baseado em fatos reais)	<i>City of God is an epic docudrama – electric and raw.</i>	
3 <i>hair-trigger temper</i> (temperamento explosivo)	<i>The person Rocket most dreads is Li'l Zé (Leandro Firmino da Hora), whose hair-trigger temper and trigger-finger have cast a giant shadow over the City of God since both were children.</i>	A pessoa que Rocket mais teme é Lil'Zé (Lenadro Firmino da Hora), cujo temperamento explosivo e dedo sempre engatilhado puseram uma sombra gigante sobre a Cidade de Deus desde que ambos eram crianças.
4 <i>carve out</i> (obter algo com muito esforço)	<i>...it has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes.</i>	Há dois personagens com quem podemos nos identificar e criar empatia, que lutam por um futuro em um lugar onde o amanhã nunca chega.

Tabela 3 - Itens lexicais em contexto

3 Descrição e análise dos dados

Como mencionado na seção anterior, a comparação das classificações revelou, em uma primeira análise, uma discrepância em nove delas no que diz respeito ao uso das fontes de conhecimentos e/ou estratégias inferenciais. Quatro dessas dissonâncias foram resolvidas através de uma segunda análise, realizada em conjunto, mas cinco continuaram sendo objeto de discussão, e elas foram selecionadas para ilustrar o problema colocado em evidência neste trabalho. Os excertos de protocolos e os itens lexicais são os seguintes: protocolo verbal Sujeito 01, item lexical docudrama; protocolos verbais Sujeitos 05 e 09, item lexical *hair-trigger temper*; protocolos verbais Sujeitos 13 e 14, item lexical *carve out*.

I Protocolo verbal do Sujeito 01 no item lexical docudrama (em português, filme baseado em fatos reais):

Isso aqui deve ser documentário dramático.

Entrevistador: Já tinhas visto essa palavra antes?

Não, mas pela forma da palavra, né, porque ele é um filme e também é um documentário, né. Não é só um drama, mas também é um documentário.

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento uso da língua materna:

A) O sujeito empregou a língua materna para chegar ao significado da palavra docudrama em inglês relacionando as palavras “documentário” e “drama” da sua L1, previamente conhecidas.

B) O sujeito não empregou a língua materna, e sim seu conhecimento prévio de L2, já que o neologismo docudrama na L2 foi criado a partir de duas palavras da língua inglesa, *documentary* e *drama*, que, por coincidência, são cognatas na L1 do sujeito.

II Protocolo verbal do Sujeito 05 no item lexical *hair trigger temper* (em português, temperamento explosivo):

Está falando do Zé Pequeno também, que teria um temperamento *hair trigger*, sabe-se lá, eu não conheço essa palavra *hair trigger*, mas dá para se entender que é uma coisa meio explosiva, meio, não sei, estou chutando pelo que eu conheço da história e pelo paralelo que ela traça também como dedo, gatilho ali.

Interpretações dos pesquisadores com relação às fontes de conhecimento discursivo e de mundo:

A) Sujeito utilizou de forma significativa apenas o conhecimento de mundo. Apesar de afirmar “... e pelo paralelo que ela traça também como dedo, gatilho”, esse conhecimento por si só não levaria à inferência apropriada do item lexical.

B) Sujeito utilizou tanto as fontes de conhecimento de mundo (em particular no trecho “... pelo que eu conheço da história...”) e discursivo (no trecho “... pelo paralelo que ela traça também com dedo, gatilho ali”) de forma complementar, estando uma em dependência da outra para a realização bem-sucedida da inferência do significado do vocábulo.

III Protocolo verbal do Sujeito 09 no item lexical *hair trigger temper*:

Hair trigger temper, na linha 97. *The person Rocket most dreads is Lil' Zé, whose hair trigger temper and*¹...(continua

¹ A pessoa que Rocket mais teme é Lil'Zé, cujo temperamento intempestivo e...(tradução nossa)

lendo em silêncio). Um adjetivo usado aqui para descrever o comportamento dele, que é o chefe da gangue, esse Zé. Então, *trigger* eu acho que quer dizer um temperamento de cabelo em pé, quer dizer, o cara tá sempre, tipo assim, como a gente diz em português, palito de fósforo, eu acho que a gente diz isso, né.

Entrevistador: Pode ser, uma expressão, né.

Não é palito de fósforo. Uma expressão assim...Ai, não lembro, mas é nesse sentido de uma pessoa muito explosiva, muito...

Entrevistador: Pávio curto.

Pávio curto, isso. É, então a expressão tem esse sentido, mas não nas palavras que a gente usa.

Entrevistador: Já conhecia a expressão, ou usou o contexto?

Foi pelo contexto, não conhecia. Por que *trigger*...é que para nós essa coisa de cabelo em pé remete à ideia de susto, né. Eu acho que aqui tem uma diferença de sentido.

Entrevistador: Mas você pensou em cabelo em pé?

É, mas quando você lê você vê e sabe de quem ele está falando, então só pode ser um temperamento violento, tem outros dados sobre o personagem.

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento gramatical:

A) O sujeito recorreu ao seu conhecimento gramatical no processo de inferência lexical, visto que se vale do conceito de adjetivo – especificamente aqui, sua função de qualificar o nome e sua posição na frase em língua inglesa – para fazer referência à palavra cujo significado estava buscando encontrar.

B) O sujeito de fato usa a palavra “adjetivo” em seu protocolo verbal, mas tal uso não tem relevância enquanto fonte de conhecimento auxiliar no processo de tentativa de construção do significado da expressão na L2. Isso se torna claro quando o sujeito afirma que o apoio para a inferência veio do contexto, pois “quando você lê você vê e sabe de quem ele está falando, então só pode ser um temperamento violento, tem outros dados sobre o personagem”. Desse modo, o pesquisador entendeu como legítimos o uso do conhecimento da L1 (na tentativa de encontrar uma expressão com o mesmo sentido) e o uso do contexto, em concordância com o outro colega pesquisador, mas não o uso do conhecimento gramatical, já que há apenas a menção da palavra, mas não uma análise da contribuição da classe gramatical especificada pelo sujeito para a realização bem-sucedida da inferência.

IV Protocolo verbal do Sujeito 13 no item lexical *carve out* (obter algo com muito esforço):

E depois nós temos *carve out a future*, então vamos ver, *fortunately there are two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes*². Bom, *carve out* eu não posso associar, primeira análise eu não posso fazer nenhuma análise em português, porque não tem nenhuma palavra, então tenho que ir pro contexto pra ver como é que eu posso chegar a uma ideia aproximada desse significado (lê em silêncio). É difícil quando tu tem mais ou menos na ideia, né, e não consegue expressar em palavras. Bom deixa eu ver aqui, *it has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future where tomorrow never comes*. Minha primeira ideia foi plantar um futuro, mas eu acho que não sei, não tem a ver, me veio essa palavra, assim sei lá, aquela coisa assim de plantar um futuro, alguma coisa assim, mas aqui fala *where tomorrow never comes*, o amanhã nunca acontece, o amanhã nunca vem, então, agora me ocorreu gravar, tem alguma palavra em inglês que é parecido com gravar, encruar, alguma coisa, mas agora eu não consigo assim vir com uma palavra em português. Eu tenho mais ou menos a ideia do que seja, mas não consigo expressar em palavras....*two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future*,e, agora me veio esperar, amadurecer, mas não, não consigo chegar a uma palavra.

Entrevistador: Mas esperar seria aproximado? Plantar?

É, eu associei agora, agora já veio um *expect*, esperar um futuro, mas aí aquele *tomorrow never comes* já seria o contrário, aí já não daria. O que ajudaria muito era um dicionário, mas aí não tem graça, vai estragar tua pesquisa. É, mas eu acho que seria aquela primeira ideia, assim, sei que não foi a mais apropriada, mas...

Entrevistador: De plantar?

É, plantar um futuro, tentar colher, mas não, também não me satisfaz. Fiquei em dúvida. A primeira coisa que vou fazer em casa com esse *carve out* é procurar num dicionário.

Interpretações dos pesquisadores com relação às estratégias de releitura e monitoramento:

A) O sujeito utilizou somente a estratégia de releitura a fim de inferir o significado do item lexical na L2 que lhe parecesse mais apropriado. Para o pesquisador, ficaram evidentes as várias releituras que o sujeito fez da frase; no entanto, não foi mencionado o uso da estratégia de monitoramento.

B) O sujeito utilizou tanto a estratégia de releitura como a de monitoramento ao longo de sua tentativa de inferência lexical. Já de início, o sujeito comenta que

² Felizmente, há dois personagens com quem nós podemos nos identificar e criar empatia, que batalham por um futuro em um lugar onde o amanhã nunca chega. (tradução nossa)

“primeira análise eu não posso fazer nenhuma análise em português, porque não tem nenhuma palavra, então tenho que ir para o contexto...”, o que foi entendido pelo pesquisador como exemplo de monitoramento do processo cognitivo que estava sendo adotado para chegar ao significado da nova palavra. Após duas releituras da frase e duas sugestões de possíveis significados, o sujeito afirma que tem a ideia aproximada do significado, mas não consegue “expressar em palavras...chegar a uma palavra”, e tal afirmação foi novamente entendida como evidência do uso da estratégia de monitoramento das etapas que o sujeito estava percorrendo a fim de realizar a inferência apropriada – ou, conforme definição de Nassaji (2003), como evidência da consciência do problema ou da facilidade/dificuldade da tarefa. Finalmente, após novas tentativas de encontrar a palavra na L1 que fosse condizente com a sua referente na L2, o sujeito explica que está em dúvida e insatisfeito, e que, para solucionar isso, vai recorrer ao dicionário assim que tiver oportunidade. Novamente, essa atitude foi interpretada pelo pesquisador como prova do uso dessa estratégia.

V Protocolo verbal do Sujeito 14 no item lexical *carve out*:

E a última, *carve out*, deixa eu ver como é o contexto dela[...] uh, eu não sei se aí tem uma ideia de desvendar, ou de, não me vem a palavra, eu consigo entender no inglês, mas não tenho a palavra no português (relê a frase em silêncio)... desvendar um futuro, não, desvendar, ou eles têm uma ambição no futuro, ou um lugar no futuro, eu não sei, eu acho que pode ser isso, *carve out*, eu não sei, é que ele tá procurando, ele que tá, ou é uma coisa quê?...

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento da L1:

A) O sujeito buscou seu conhecimento da L1 como recurso para a tentativa de realização da inferência do vocábulo na L2, o que pode ser evidenciado no trecho “... não me vem a palavra, eu consigo entender no inglês, mas não tenho a palavra no português”.

B) O sujeito não empregou o conhecimento da L1 no seu processo de elaboração da inferência do vocábulo na L2. Embora faça referência à dificuldade de encontrar o termo equivalente na L1, não emprega, de fato, qualquer tipo de conhecimento da língua materna – gramatical, morfológico, sintático – para tentar descobrir o significado da expressão na L2.

Ao analisarmos esses cinco exemplos em conjunto, o que mais chama a atenção é que as justificativas para a seleção – ou não – de determinada fonte de conhecimento e/ou estratégia pelos pesquisadores não são facilmente desconstruídas. Elas são elaboradas a partir de argumentos bem-fundamentados, e o fator

determinante para sua validação é, na grande maioria dos casos, o ponto de vista do pesquisador. Tomemos, por exemplo, o protocolo verbal do Sujeito 01. O pesquisador A entendeu que o conhecimento da L1 foi utilizado, em função dos significados que as palavras “documentário” e “drama” possuem na língua materna; diferentemente, o pesquisador B partiu do pressuposto de que a nova palavra teria sido inferida a partir do conhecimento prévio da L2, a partir das palavras *documentary* e *drama*. A questão que parece mais problemática aqui é que não há como saber, de fato, se a fonte de conhecimento utilizada foi a L1 ou a L2, dada a relação cognata de ambas as palavras na língua materna e na língua estrangeira. Esse fato, no nosso entender, deve-se a dois dos problemas mais frequentemente encontrados no emprego dos PVs, como já discutido na seção 2: (i) processos automatizados tendem a ser menos relatados pelos sujeitos, pois são menos percebidos, o que traz como consequência direta que (ii) essa informação não relatada seja inferida pelo pesquisador, quando da etapa de decodificação dos dados.³

A fim de reafirmarmos isso, observemos novamente o exemplo IV, referente ao PV do sujeito 13 no item lexical *carve out*. Enquanto o pesquisador A, em sua análise dos protocolos, não identificou o emprego da estratégia de monitoramento de compreensão, o pesquisador B o fez em várias ocasiões. Novamente, a justificativa para esse resultado inconciliável parece estar nos diferentes níveis de pensamento inferencial mostrados pelos dois pesquisadores: enquanto o primeiro, a fim de realizar suas classificações, se detém na informação que está disposta de modo explícito, o segundo valoriza também a informação com maior grau de implícitos.

Assim, ainda que as diferenças de classificações tenham sido resolvidas em conjunto e tenha sido buscado um consenso, entendemos ser importante ressaltar que a objetividade alcançada em estudos qualitativos com protocolos verbais deve ser sempre entendida como relativa, ao invés de absoluta. Ao mesmo tempo, é importante entender também que isso é nem negativo nem positivo, mas tão somente uma contingência do método de pesquisa adotado.

4 Considerações finais

Neste artigo, analisamos cinco casos de interpretações discordantes de dados provindos de protocolos verbais, realizadas de modo independente por dois pesquisadores para um estudo sobre inferência lexical na L2. O objetivo foi o de levantar uma reflexão sobre o fator que se apresentou como o maior limitador do emprego desse método, ou seja, a subjetividade inerente ao instrumento.

³ É possível que o sujeito tenha se valido do conhecimento prévio nas duas línguas, nesse caso. No entanto, o escasso nível informativo do PV, acrescido da inexistência de uma fonte de conhecimento que contemplasse essa possibilidade e da natureza do próprio item lexical, constituem, no nosso entender, os três fatores que determinaram a significativa dificuldade de categorização desse protocolo. Nesse sentido, ele é um exemplo completo do que estamos tentando demonstrar neste artigo.

Embora seja bem aceita a ideia de que não se dispõe atualmente de outro método que possibilite o contato com processos cognitivos de modo tão completo como os protocolos verbais, são aceitas também suas limitações. Na nossa experiência de uso dos PVs aqui relatada, as diferenças de resultados encontradas pelos pesquisadores com relação à decodificação destes se fizeram presentes ao longo da etapa de análise de dados. Como explicado anteriormente, para resolvê-las, os membros do grupo adotaram os procedimentos sugeridos com frequência pela literatura especializada, como se segue:

a) classificação dos dados presentes nos protocolos de forma independente pelo pesquisador e pelo(s) assistente(s);

b) comparação do resultado obtido por meio das classificações;

c) no caso de discrepâncias entre os resultados dos pesquisadores, condução de nova análise, em conjunto, para chegar a um consenso sobre a classificação mais plausível;

d) na possibilidade de ainda haver discordância sobre algum resultado, realização de uma nova análise, de modo independente pelos pesquisadores, seguida de análise em conjunto para decisão sobre a classificação mais apropriada.

Nosso entendimento foi de que, de modo geral, o cumprimento dessas etapas resultou em dados suficientemente confiáveis. Cabe mencionar, contudo, que em nosso estudo não houve a adoção da sugestão de Ericson e Simon (1993) para minimizar o efeito da subjetividade própria das análises com PVs, que consiste em coletar informação extra na forma de protocolos retrospectivos após a finalização da tarefa, a fim de evitar qualquer interrupção na linha de raciocínio que é desenvolvida pelo sujeito durante a realização desta. Acreditamos que essa atitude metodológica tenha de fato dificultado o processo de classificação dos dados da nossa pesquisa, mas não temos como afirmar.

De acordo com Ré (2006), a escolha por dados qualitativos ou quantitativos – e seus respectivos métodos de coleta – é definida pela postura teórica do investigador frente às questões de pesquisa que este se propõe a examinar. Dessa forma, o desafio é tirar o máximo de proveito das vantagens oferecidas pela técnica selecionada, e, ao mesmo tempo, buscar alternativas para suas limitações. Nesse contexto, nosso objetivo aqui, ao mostrar tanto as dificuldades encontradas na análise dos protocolos em nossa pesquisa, bem como os procedimentos adotados para superá-las, pode ser traduzido como uma tentativa de superação desse desafio.

Referências

ANDERSON, Neil J. Individual differences in strategy use in second language reading and testing. *The Modern Language Journal*, v. 75, p. 460-72, 1991.

AFFLERBACH, P. Verbal reports and protocol analysis. In: Kamil et al (eds). *Handbook of Reading Research III*. 2000, p. 163-175.

BALDO, A.; KURTZ-DOS-SANTOS, S. C.; TRINDADE, M. V.; AMARIZ, C. M. *Influência da Língua Materna na Leitura em Língua Estrangeira*. Relatório Final de Pesquisa. Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Letras. Pelotas, RS: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

BLOCK, E. See how they read: comprehension monitoring of L1 and L2 readers. *TESOL Quarterly* 26, v. 2, p. 319-43, 1992.

CAMPS, J. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. *International Journal of Applied Linguistics*. v. 13, p. 201 – 221, 2003.

ERICSON, K.A; SIMON, H. A. Verbal report as Data. *Psychological Review*, v. 87, n. 3, p. 215-251, 1980.

_____. *Protocol analysis: verbal report as data*. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

ESPINO, S.P. *Present Perfect: uma questão de aspecto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, abril de 2007

LEOW, R.P. A study of the role of awareness in foreign language behavior: aware versus unaware learners. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 22, p. 557-584, 2000.

NASSAJI, H. L2 vocabulary learning from context: strategies, knowledge sources and their relationship with success in L2 lexical inferencing. *TESOL Quarterly*, v.27, n. 04, 2003.

PERFETTI, C. et al. Sources of Comprehension Failure: Theoretical Perspectives and Case Studies. In: CORNOLDI, C.; OAKHILL, J. (eds). *Reading Comprehension Difficulties*. Mahwah, Nova Jérsei: Erlbaum, 1996, p. 137-165.

RÉ, A. D. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: RÉ, A.D. (org) *Aquisição da Linguagem - uma abordagem psicolinguística*. São Paulo, Contexto, 2006, p. 13-44.

RICKEY, C. Rio Project, a most unholy city of God. *The Philadelphia Inquirer*. Philadelphia: 25 de Janeiro de 2003.

SARIG, G. High-Level reading in the first and in the foreign language: some comparative process data. In: DEVINE, J.; CARRELL, P.; ESKEY, D.E. (eds) *Research in Reading in English as a Second Language*. Washington. D.C.: TESOL, 1987, p. 105-120,

SCARAMUCCI, M. R. V. *O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: o foco no produto e no processo*. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

TAYLOR, K, L.; DIONNE, J. P. Accessing problem solving strategy knowledge, *Journal of Education Psychology*. v. 92, n. 3, p. 413-425, 2000.

ZAGO, N. *Leitura de textos acadêmicos em inglês: Uma questão de léxico ou de conhecimento prévio?* Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Línguas

Estrangeiras da Faculdade de Letras. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

ZWAN, R. A.; BROWN, C. M. The influence of language proficiency and comprehension skill on situation-model construction. *Discourse Processes*, v. 21, p. 289-327, 1996.

Recebido em 30 de novembro de 2010.

Aceito em 5 setembro de 2011.

ALESSANDRA BALDO

Doutora em Letras (Linguística Aplicada) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora-adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, RS (UFPEL). E-mail: lelbaldo@terra.com.br.